



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS



CONCEIÇÃO DE MARIA CARDOSO ALMEIDA

**FRAGMENTAÇÃO E TRAUMA NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM AS
MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

TERESINA – PIAUÍ

2025

CONCEIÇÃO DE MARIA CARDOSO ALMEIDA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí, como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada
em Letras Português, sob orientação do Prof. Dr.
Fabricio Flores Fernandes.

TERESINA - PIAUÍ

2025

A447f Almeida, Conceicao de Maria Cardoso.

Fragmentação e trauma na construção das personagens em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles / Conceicao de Maria Cardoso Almeida. - 2025.

42f.: il.

Monografia (Graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Centro de Ciências Humanas e Letras, Licenciatura Plena em Letras Portugêses.

"Orientador: Prof. Dr. Fabrício Flores Fernandes".

1. Lygia Fagundes Telles. 2. As meninas. 3. Fragmentação. 4. Trauma. 5. Ditadura Militar. I. Fernandes, Fabrício Flores . II. Título.

CDD 869.934

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3ª/1512

CONCEIÇÃO DE MARIARIA CARDOSO ALMEIDA
FRAGMENTAÇÃO E TRAUMA NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM AS
MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado como requisito parcial para
avaliação de desempenho na disciplina
Prática de Pesquisa em Letras II,
ministrada pela Prof.^a Dr.^a Bruna Neres.

Local, _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fabrício Flores Fernandes
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr.^a Maria do Socorro Rios Magalhães
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Me. Dheiky, do Rêgo Monteiro Rocha
Universidade Estadual do Piauí

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos anjos e aos santos, por terem me protegido e me guiado durante toda essa trajetória.

À minha família, em particular aos meus irmãos e irmãs, aos sobrinhos: Ana Clara, Rafael, André e à minha prima Lucimar, pela ajuda recebida em todas as vezes que tive que recorrer a eles.

As minhas colegas de trabalho por estarem sempre dispostas em ajudar com as demandas do trabalho.

Agradeço também aos professores que souberam compreender a minha dificuldade de chegar pontualmente às aulas devido ao trabalho. E também por terem contribuído para expandir os meus conhecimentos linguísticos e literários.

Aos meus colegas de turma: a competente e estudiosa Fabiellen, que muitas vezes me ajudou repassando o conteúdo quando eu me ausentava ou chegava atrasada; a calma e pacífica Crislane; a talentosa Jaynne; a empenhada e positiva Elen; a sorridente Lorena; ao fora de série Kelvin; e a minha companheira de muitos seminários Rafaela. E a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que pudesse chegar até aqui.

“ As personagens são como vampiros, cravam os caninos na nossa jugular e quando amanhece, voltam aos sepulcros até que anoiteça de novo.”

Lygia Fagundes Telles

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar a construção das personagens Lorena, Lia e Ana Clara no romance *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, explorando como a fragmentação narrativa, os traumas psicológicos e o contexto histórico da Ditadura Militar brasileira contribuem para a complexidade subjetiva de cada protagonista. A investigação fundamenta-se em uma abordagem bibliográfica e qualitativa, com aporte teórico nas concepções psicanalíticas de trauma em Freud e Lacan, além de reflexões de autores como Caruth, Kolk, Conti, entre outros. A análise demonstra que a estrutura fragmentada da narrativa funciona como expressão formal dos efeitos do trauma, espelhando as rupturas internas das personagens e refletindo uma sociedade marcada pela repressão, desigualdade e silêncio imposto. Assim, a literatura afirma-se como espaço de resistência simbólica, onde a dor e a memória se articulam esteticamente como crítica ao regime autoritário. O estudo conclui que *As meninas* não apenas retrata a experiência de um tempo histórico traumático, mas também propõe uma poética da fragmentação como meio de reconstrução subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Fagundes Telles. *As meninas*. Fragmentação. Trauma. Ditadura Militar.

RESUMEN

Este trabajo monográfico tiene como objetivo analizar la construcción de los personajes Lorena, Lia y Ana Clara en la novela *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, explorando cómo la fragmentación narrativa, los traumas psicológicos y el contexto histórico de la dictadura militar brasileña contribuyen a la complejidad subjetiva de cada protagonista. La investigación se basa en un enfoque bibliográfico y cualitativo, con sustento teórico en las concepciones psicoanalíticas del trauma en Freud y Lacan, además de reflexiones de autores como Caruth, Kolk, Conti, entre otros. El análisis demuestra que la estructura fragmentada de la narrativa funciona como una expresión formal de los efectos del trauma, reflejando las rupturas internas de los personajes y una sociedad marcada por la represión, la desigualdad y el silencio impuesto. De este modo, la literatura se afirma como un espacio de resistencia simbólica, donde el dolor y la memoria se articulan estéticamente como crítica al régimen autoritario. El estudio concluye que *As meninas* no solo retrata la experiencia de un tiempo histórico traumático, sino que también propone una poética de la fragmentación como medio de reconstrucción subjetiva.

PALABRAS - CLAVE: Lygia Fagundes Telles. *As meninas*. Fragmentación. Trauma. Dictadura Militar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA	10
3. O TRAUMA PSICOLÓGICO	17
3.1 Princípios da teoria do trauma em Freud e em Lacan	17
3.2 O trauma psicológico na visão de outros teóricos	19
3.3 Trauma e memória	20
3.4 Trauma e uso de substâncias	21
4. CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DA OBRA AS MENINAS	23
4.1 O autoritarismo militar e as guerrilhas	24
4.2 O autoritarismo militar e a literatura	25
4.3 A sociedade desigual dos anos 70	27
5. FRAGMENTAÇÃO E TRAUMA NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS	31
5.1 A fragmentação narrativa como expressão do trauma	31
5.2 Lorena: O trauma da perda e a fragmentação do desejo	32
5.3 Lia: O trauma político e a fragmentação da identidade	33
5.4 Ana Clara: o trauma da violência e a fragmentação do eu	34
5.5 O contexto histórico da Ditadura Militar como pano de fundo traumático---	35
5.6 A fragmentação como estratégia de resistência	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de arte usada para expressar diferentes pensamentos e fatos sociais, ela constitui-se não apenas como espelho da realidade, mas também como meio de crítica e resistência diante das estruturas que buscam moldá-la. Na obra *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, a escritora mobiliza uma narrativa que ultrapassa os limites da ficção tradicional ao integrar elementos de fragmentação textual, trauma psíquica e engajamento político-social. Escrita durante o período mais repressivo da Ditadura Militar no Brasil, a obra configura-se como um testemunho literário que revela, por meio da experiência de três jovens protagonistas, os efeitos psicológicos da violência institucional, da repressão política e das desigualdades sociais que marcaram a década de 1970.

O romance de Telles apresenta uma estrutura não linear e polifônica, marcada pela alternância abrupta de vozes narrativas e pela sobreposição de tempos, espaços e memórias. Tal fragmentação formal não se dá de forma gratuita: ela reflete a própria lógica do trauma, que, segundo a psicanálise, rompe a linearidade do tempo e resiste à simbolização plena. A técnica narrativa adotada por Lygia dialoga diretamente com os pressupostos estéticos das vanguardas e com o mal-estar de uma época em que o silêncio era imposto, tornando a literatura um espaço de fissura e expressão subjetiva.

Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar a construção das personagens Lorena, Lia e Ana Clara na obra *As meninas*, enfocando como a fragmentação narrativa, os traumas pessoais e o contexto histórico contribuem para a complexidade de suas representações. Para tanto, mobilizam-se teorias psicanalíticas — sobretudo os conceitos de trauma elaborados por Freud e Lacan —, além de análises sobre a estética fragmentária e a função da literatura em contextos autoritários. Parte-se do pressuposto de que a estrutura fragmentada do romance não é apenas uma escolha estética, mas uma estratégia narrativa usada pela autora que mimetiza os efeitos do trauma sobre o sujeito e possibilita uma crítica ao discurso oficial da época. No começo da análise do percurso das três protagonistas, busca-se demonstrar como a autora constrói uma narrativa que, ao fragmentar o enredo e a linguagem, revela não apenas os estilhaços do sujeito contemporâneo, mas também a potência subversiva da ficção diante da opressão.

A partir disso, a problematização que orienta este estudo é a seguinte: de que forma Lygia Fagundes Telles constrói as personagens de *As meninas* a partir de uma narrativa fragmentada que reflete as experiências traumáticas individuais e vivenciadas pelas personagens em diálogo com o contexto repressivo da ditadura militar e com os conceitos psicanalíticos de trauma e subjetividade? A investigação dessa questão busca compreender como a literatura, história e psicanálise se entrelaçam no romance de Lygia Fagundes Telles, oferecendo não apenas uma representação da realidade fragmentada de seu tempo, mas também uma forma de resistência e elaboração simbólica do sofrimento.

Cabe ressaltar que os meios metodológicos utilizados para a realização desta monografia foram de carácter totalmente bibliográfico, tendo como abordagem principal a análise qualitativa, com base na leitura crítica da *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, e de teóricos que contribuem para a análise do tema em discussão (tais como Mora , Freud e Lacan) e de autores (como Chauí e Chiavenatto), que explanam sobre o período da ditadura militar no Brasil.

O trabalho é constituído de uma introdução e de mais três capítulos, além das considerações finais. No segundo capítulo é abordado a técnica da fragmentação narrativa, onde teóricos como Mora (2015) e Olmos (2024), auxiliam na compreensão do que se trata essa técnica narrativa. O terceiro capítulo busca nas teorias de Freud e de Lacan e de outros, uma compreensão maior a respeito de como o trauma psicológico pode surgir e o que ele pode afetar. O quarto procura através de autores como (Arão Reis e Furtado) uma maior compreensão da ditadura militar durante a década de 1970. O quinto analisa como a autora emprega a técnica da fragmentação narrativa, o trauma psicológico, além do contexto histórico em que a obra foi criada para construir o perfil das três protagonistas.

2. FRAGMENTAÇÃO NARRATIVA

Antonio Candido concebia a narrativa, não apenas como uma mera forma de entretenimento, mas também uma forma de conhecimento e compreensão do mundo. E, embora não tenha tratado especificamente da fragmentação narrativa, pode-se notar na obra *A Formação da Literatura Brasileira* (2006) a importância que o crítico dá às técnicas narrativas utilizadas por escritores brasileiros ao longo do tempo por refletirem as mudanças culturais, sociais e políticas do Brasil.

A fragmentação narrativa não é uma técnica nova na literatura, da Antiguidade Clássica atravessando a Idade Média, a Moderna até a era atual tem-se vestígios dessa técnica literária. Walter Benjamin, ao falar sobre *Origem do drama barroco alemão*, mais especificamente ao tratar da “Teoria do Alegórico”, demonstra que a fragmentação também fez parte desse movimento artístico literário, expondo que o teatro barroco concebia a natureza fragmentária alegórica como uma ruína, que restou da vida e que: “para construir a alegoria, o mundo tem que ser esquartejado. As ruínas e fragmentos servem para criar a alegoria” (BENJAMIN 1984, p.40). Pontieri (1989), porém, chama atenção para o fato de que, embora faça recuar o fragmentário ao Barroco, Benjamin estabelece que relações entre Barroco e Romantismo se dão via alegorias. Outro a reforçar o entendimento acerca de a fragmentação não ser uma técnica literária recente é Mora, que, no seu artigo “Fragmentarismo y fragmentalismo en la narrativa hispánica (2015)”, cita diversas obras e autores que teriam lançado mão dessa técnica. É o que se pode ver nos seus seguintes comentários:

O fragmento não é uma mera pulsão pós-moderna nem é próprio de período algum; antes bem, é uma constante histórica que passa pela condição granular de *As mil e uma noites*, o *Panchatantra*¹ ou *Kalevala*², que continua com a forma-necessariamente breve do relato oral, que se adentra na alta modernidade- através da “Marchetaria mal montada” com que Montague definia seus ensaios-, atravessa o pensamento (Vê-se *L'écriture fragmentaire* de Françoise Sausini-Anapoulus) se adapta a condição despedaçada de nossa consciência, segundo se ler nos Manuscritos berlinenses de Schopenhauer, e começa a se entender como um espírito da época para Virgínia Woolf (“é uma era de *fragmentos* o como um *fim* para T.S. Eliot (“these fragments I have shored Against my ruins”). O reticular não é uma mera forma do pensamento discursivo ocidental, como disse o filósofo alemão, o fragmento é o pensamento, distraído, como diria um antigo filósofo chinês com os Dez mil seres (MORA ,p.92). Tradução própria.

¹ Panchatantra ou Cinco tratados em Sânscrito, é uma antiga obra literária indiana que traz uma coleção de fábulas ensinando lições de moral.

² Kalevala é uma epopeia finlandesa composta por Elias Lönnrot, que descreve as façanhas e as disputas de poderosos heróis míticos.

Fora os autores citados por Mora, outros escritores consagrados mundialmente já lançaram mão dessa técnica, entre os quais podemos citar: Kafka, James Joyce, Allan Poe, Samuel Beckett, Júlio Cortázar. No âmbito nacional cabe destacar: Machado de Assis, Oswald de Andrade, Luiz Rufatto, entre outros.

A fragmentação é uma técnica que consiste em apresentar o desenvolvimento da história de maneira desordenada ou não linear, diferentemente da estrutura tradicional e convencional que é composta de início, desenvolvimento e fim. A fragmentação narrativa pode se manifestar de diversas formas na história narrada, tais como: saltos na linha do tempo, mudanças de perspectivas, interconexão de múltiplas histórias ou através de múltiplos narradores. E, apesar de não ser uma técnica nova, ela ganhou força no início do Séc. XX, com o surgimento das vanguardas europeias. Em seu livro *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*, Gilberto Mendonça Teles (2022) analisa com profundidade as transformações provocadas por essas correntes e sua influência direta na formação do modernismo brasileiro.

Entre as principais inovações trazidas pelas vanguardas — como o futurismo, o expressionismo, o dadaísmo, o cubismo e o surrealismo — destaca-se a ênfase na experimentação. Os escritores passaram a buscar novas formas de expressão, libertando-se da linearidade narrativa, da sintaxe tradicional e do sentimentalismo romântico. A linguagem, antes instrumento de comunicação clara e estável, tornou-se campo de invenção. Palavras foram fragmentadas, justapostas, associadas por analogias inusitadas ou desconstruídas até o limite do inaceitável.

O futurismo, por exemplo, exaltou a velocidade, a máquina e o dinamismo da vida moderna, propondo uma literatura que rompesse com a nostalgia e o culto ao passado, passando a usar palavras em liberdade sem estarem presas às relações sintáticas. A literatura expressionista era marcada por metáforas, por palavras potentes e por uma sintaxe confusa. O dadaísmo, em contrapartida, valorizou a ruptura total com a lógica e o bom senso, criando textos marcados pelo nonsense e pela crítica ao racionalismo burguês. Paralelamente ao dadaísmo, o cubismo trouxe o ilogismo, o humor, o instantaneísmo, a simultaneidade e uma linguagem predominantemente nominal e mais ou menos caótica. Já o surrealismo buscou explorar o inconsciente e os sonhos, fundindo realidade e imaginação em uma linguagem poética livre de censura lógica ou moral.

Segundo Mendonça Teles, essas experiências estéticas não apenas impactaram a literatura europeia, mas também prepararam o terreno para a emergência de uma literatura moderna em outras partes do mundo, como no Brasil. Os modernistas brasileiros, especialmente os da Semana de Arte Moderna de 1922, apropriaram-se do espírito de vanguarda para criar uma arte nacional nova, desvinculada das amarras do academicismo e aberta às influências múltiplas — tanto as estrangeiras quanto as populares e indígenas.

Em suma, as vanguardas europeias trouxeram à literatura uma profunda consciência de sua autonomia, de seu poder criativo e de sua função crítica. Como mostra Gilberto Mendonça Teles, sua contribuição foi não apenas estética, mas também ideológica: a literatura passou a ser um espaço de liberdade, ruptura e invenção — fundamentos que continuam a moldar a produção literária contemporânea.

As vanguardas europeias não se propunham somente criticar o período pós-romântico, mas também criticavam os alicerces das instituições artísticas. Para Cota (2012), a fragmentação vanguardista questionou a representatividade da arte, a arte realista foi posta em xeque, assim como as novas tecnologias. Sobre os movimentos vanguardistas na América Latina, Olmos³ (2024) tece o seguinte comentário: “o que permeava todos eles era esse propósito de fundar a arte com um impulso vital que respondia às mudanças radicais do presente”. Olmos explica em seu artigo que as vanguardas buscavam sintonizar as suas produções artísticas com o contexto histórico da época. No ponto de vista de Olmos, as vanguardas não criticavam somente a organicidade e hierarquia das formas estéticas; elas buscavam sintonizar as suas produções com a nova sensibilidade que surgia da experiência histórica na qual estavam inseridas.

Fischer (1983), em sua obra *A necessidade da arte*, diz que o problema da fragmentação é o de estar intimamente ligada à tremenda mecanização e especialização do mundo moderno, com a força opressora de suas máquinas anônimas, com o fato de a maior parte de nós ser forçada a se empenhar na execução de tarefas que constituem apenas pequena parte de processos cujo significado e desenvolvimento global permanecem fora do alcance da nossa posição. O autor comenta que os românticos já sabiam do caráter fragmentário da vida no mundo burguês. Como forma de comprovar o que está afirmando, ele cita as palavras do poeta e jornalista Heine, que escreveu: “A vida e o mundo acham-se excessivamente fragmentados” Fischer (1983, p.108). O escritor diz que essa constatação se tornou mais clara

³ Ana Cecília Olmos é professora titular de Literatura, Hispano – Americana da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

na medida em que os problemas do capitalismo se agravaram, até o mundo inteiro vir a se assemelhar a um conglomerado caótico de fragmentos humanos e materiais, mãos e alavancas, rodas e nervos, ramerrão cotidiano e sensações fortes. E onde a imaginação, bombardeada por uma massa heterogênea de detalhes, já não os conseguia absorver em qualquer forma de totalidade. Fischer, no último parágrafo sobre fragmentos, enaltece o método criado por Rimbaud no qual os fragmentos de um mundo desmembrado, belos e feios, brilhantes e vulgares, lendários e reais, são ajustados e montados, em sequências oníricas para, com a audácia de um cientista, virem a compor uma nova “substância”. Foi um método que revolucionou o que antes se entendia por poesia.

Em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, Roland Bathes⁴ (1981) demonstra fazer uso dessa técnica, ao explorar as complexidades e nuances do amor através de diversos textos e reflexões. Ele, porém, não os apresenta de forma linear, e sim em forma de fragmentos que capturam diferentes aspectos relacionados ao amor. Pontieri (1989) procura explicar o que Barthes considerava como fragmentação e, dentre os diversos pontos abordados por ela, foi possível compilar trechos considerados importantes para a compreensão do que seja fragmento. Ele não é simplesmente um pedaço destacado, um resto de algum conjunto despedaçado, mas também difere das formas tradicionais de pensamento, como máximas, sentenças, aforismos ou opiniões, que aspiram ao acabamento e à completude. Ao contrário, o fragmento compreende um inacabamento essencial, sendo um estilhaço que, ao mesmo tempo, manifesta sua individualidade própria.

Essa característica sugere que o fragmento é a totalidade que se recorda constantemente de sua condição de estilhaço, remetendo a uma totalidade ideal, perdida. Talvez essa seja a única forma possível de alcançar uma espécie de integridade em um mundo dominado pela consciência da separação. Assim, o fragmento, ao manter sua imperfeição e sua individualidade, revela uma busca por sentido e completude que não se encontra na totalidade convencional, mas na própria condição de ser um pedaço de algo maior, sempre presente na memória de uma totalidade que se perdeu.

Karina de Castilhos Lucena⁵, citada por Santos⁶ (2015), no especial “Fragmentação literária: uma estratégia para recriar o mundo”, diz acreditar que a fragmentação é cria do

⁴ Escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês.

⁵ Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁶ Marcio Renato dos Santos, autor de: Uma estratégia para recriar o mundo, divulgado no “Especial Fragmentação Literária”.

século XX, surgida como espécie de resposta a um processo histórico também fragmentário que inclui duas guerras mundiais. Ela também afirma que não vamos encontrar na narrativa fragmentária um padrão com início, meio e fim e, se por acaso isso ocorrer, virão filtrados pela memória do narrador, que salta de tema a outro sem uma lógica pré-estabelecida.

Jair Ferreira dos Santos⁷, ao conceder uma entrevista ao *Cândido*⁸, discorre sobre fragmentação e diz que na antiguidade o papel da fragmentação nas epopeias era de organizar a sucessão dos fatos para entregar ao leitor um significado transparente. Já na atualidade a fragmentação serve ao contrário. Ele explica que nossa vivência de mundo é parcelar e múltipla, com entrelaces de lógicas diferentes, sendo preciso violar o senso comum acomodado no berço esplêndido da linearidade, da clareza, da verdade única. Ele cita Picasso e Kandinsky para mostrar que a mensagem passada por eles em suas obras é que a realidade não é representável articuladamente, tendo então que nos contentarmos com os fragmentos e com a imperfeição. Em outro momento da entrevista, ao falar sobre os autores pioneiros, Santos aponta a fragmentação como uma característica dominante no Modernismo, refletindo a experiência urbana marcada por mutação constante, sensorialidade, anonimato, solidão e desumanização. Cita autores como Rimbaud, Poe, Baudelaire, Kafka, Joyce e Proust para dizer que eles expressam, por meio da fragmentação, uma crise existencial e civilizatória, em que valores e instituições burguesas entram em colapso.

Esse processo se intensifica com a Primeira Guerra Mundial, que, assim como as vanguardas artísticas, impulsiona uma ruptura radical. Entre o século XIX e o início do século XX, surgem também meios fragmentários como o jornalismo, a fotografia, o cinema e o rádio, além das teorias de Einstein e Freud, que desestabilizam certezas científicas e filosóficas. O entrevistado expõe que o sonho é um elemento recorrente na produção modernista, especialmente em Joyce, valorizado por sua natureza disjuntiva, obscura e aleatória, tornando-se matriz estética para a literatura. Já em Proust observa-se o abandono da linearidade narrativa e da organização lógica do enredo, substituídos por uma temporalidade fluida e descontínua, fundamentada nas associações livres da memória involuntária. Ao falar das *Múltiplas Vozes* na entrevista, Santos defende o seguinte:

Os romances com vários narradores esfacelam a tonalidade narrativa. Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, interpola fragmentos curtos e longos ligados ao passado e ao presente e imprime à sua pouca história uma dinâmica inteiramente em contraste com o tom cético e irônico do seu frio narrador, um

⁷ Escritor do livro *O que é pós-moderno*

⁸ Jornal da biblioteca pública do Paraná

morto. “The Babysitter” (1969), conto do americano Robert Coover, é mais radical e relata a noite de um casal que foi a uma festa na vizinhança, deixando os dois filhos com a babá. Cinco ou seis enredos possíveis se entrelaçam no mesmo cenário: o marido vai ver como estão os filhos e come a babá. A mulher flerta com um amigo ou sai à procura do marido e é surpreendida por ladrões, um dos quais, namorado da babá, mata a mulher ou mata a babá. A polícia não vem. A polícia entra na casa duas horas depois. É um conto brilhante e constitui um dos pontos altos da literatura pós-moderna (SANTOS, 2015, [s/p]).

Nota-se na entrevista dada por Ferreira dos Santos a complexidade da técnica da fragmentação. Sobre essa dificuldade de compreender e de ler um texto fragmentado: “A fragmentação literária não é uma forma fácil ou simples de escrever ou ler” Silva (2023, p.6). Cota (2012) destaca que a *narrativa fragmentária* provoca uma leitura semelhante à leitura do ciberespaço, por ser uma narrativa que trabalha com a simultaneidade de informações. Maria Luísa Oliveira Andrade, num ensaio sobre “A fragmentação do texto literário: um artifício da memória?”, traça um paralelo diferenciando fragmentação de fragmentário. A fragmentação, segundo ela, configura-se na ausência da linearidade dos fatos mediante a técnica de cortes e no fluxo da consciência, enquanto o fragmentário engloba todos os aspectos mencionados da fragmentação com o acréscimo da construção de múltiplos planos, da memória, da linguagem sintomática de perspectivas esfaceladas e a explícita presença da intertextualidade. Mais adiante, a ensaísta pondera que: “a intertextualidade constitui-se num aspecto fundamental à consubstanciação do aspecto fragmentário.” Em suas conclusões finais, após ter abordado o Ego freudiano e o Imaginário lacaniano, Andrade conclui:

O binômio fragmentação/fragmentário confere, portanto, ao melhor do romance contemporâneo uma Psicanálise da Existência, cujo foco principal é constituído pelo uso estratégico do recurso memória/digressão e pelo jogo com os múltiplos planos teórico-dis cursivos, nos quais se inserem essas narrativas. A fragmentação/obra e o fragmentário/linguagem são, desse modo, numa dada representação literária, um aguçado jogo com os vários ângulos sobrepostos, com o imaginário, com as múltiplas imagens, oriundas destes instigantes e atuais discursos de ficção (ANDRADE, 2007, p.9).

Após ler as contribuições dadas pelos autores sobre o tema tratado neste capítulo, é possível concluir que a *fragmentação narrativa* é uma técnica que permite aos autores ousar nos seus escritos de várias maneiras. Na ausência de linearidade dos fatos do cotidiano e da vida, constroem suas histórias, agregando diferentes pontos de vista a depender dos diferentes narradores dentro da mesma história. A técnica fascina por proporcionar variedades múltiplas de criação. Entre as características presentes nessa técnica utilizada pelos escritores do Modernismo e Pós- modernismo estão: a ruptura das formas fixas da poesia e da prosa abrindo espaço para uma liberdade mais criativa; a mescla de estilos, de gêneros e linguagens; saltos na linha temporal e espacial; uso de múltiplas vozes e de diferentes pontos de vista; utilização da ironia, de brincadeira, humor e paródia como forma de subversão da ordem.

3. O TRAUMA PSICOLÓGICO.

Determinadas situações desencadeiam comportamentos que diferem do que habitualmente se conhece do indivíduo. Algumas pessoas demonstram medo, outras nervosismo e outras agressividade. Essas formas repentinas de comportamento podem decorrer de algum evento traumático ocorrido no passado. O dicionário Michaelis conceitua trauma⁹ como sendo uma vivência profunda que pode ocasionar sentimentos ou comportamentos desordenados e perturbações neuróticas posteriores. Rigoli (2019) afirma que, apesar de o trauma psicológico estar já bem estabelecido enquanto fenômeno, não existe consenso sobre a sua definição. A noção de trauma ocupa lugar central na constituição do pensamento psicanalítico. E isso pode ser notado principalmente nas obras deixadas por dois dos maiores psicanalistas da história: Freud e Lacan.

3.1 Princípio da Teoria do Trauma em Freud e em Lacan

Após ler os livros de Freud¹⁰(1987/ 1996) e Lacan¹¹(1985), Laplanche (2012) e trabalhos acadêmicos como o de Soler (2021) e o de Cabral (2023) entre outros que discutem o pensamento de ambos sobre “Trauma”, torna-se possível ver que oferecem contribuições distintas, mas complementares, que enriquecem a compreensão clínica e teórica do fenômeno traumático. Freud inicialmente compreendia o trauma em sua relação direta com eventos reais de sedução infantil, conforme formulado na chamada “*teoria da sedução*”¹², em que a etiologia das neuroses estaria ancorada em vivências de natureza sexual precoce, geralmente perpetradas por adultos. Ao falarem dessa *teoria freudiana*, Azevedo e Amaral (2021) dizem que ela marca um importante capítulo na obra freudiana. No entanto, após 1897, Freud substitui essa concepção por uma abordagem centrada na fantasia e na realidade psíquica, preservando o valor etiológico do trauma sem a necessidade de sua veracidade factual. Soler (2021), ao analisar a mudança dessa concepção e o motivo de ela ter mudado, conclui: “Então, isso nos indica claramente que Freud, ao deixar de lado a hipótese do abuso no

⁹ A psicanálise retomou estes termos (em Freud apenas encontramos trauma), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: a de um choque violento, a de uma efração e a de consequências sobre o conjunto da organização. (Laplanche 2012, 523)

¹⁰ Sigmund Freud, conhecido como o pai da psicanálise

¹¹ Psicanalista Francês, que fez uma reinterpretação dos conceitos freudianos

¹² Teoria apresentada em três momentos distintos no ano de 1896, no primeiro momento foi chamada de “A hereditariedade e a etiologia das neuroses; no segundo de: “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” e no terceiro momento de “etiologia da histeria”.

princípio, não deixa de lado a ideia de trauma na origem. Ele vê que a teoria da sedução era falsa, mas isso não elimina a hipótese da infância traumática” (SOLER 2021, p.38).

Com o advento de *Além do princípio de prazer* (1920), Freud introduz a pulsão de morte e desloca o eixo da teoria do trauma para a repetição compulsiva e a economia energética do aparelho psíquico. O trauma é definido como uma ruptura da barreira protetora do psiquismo, produzindo um excesso de excitação que não pode ser elaborado, implicando diretamente na gênese das neuroses traumáticas. Laplanche (2001) esclarece que o termo *neurose traumática* é anterior à psicanálise e que continua sendo usada em psiquiatria de forma variável. Já Cabral (2023) faz a seguinte distinção entre pulsão para Freud e para Lacan:

Se em Freud encontramos o pulsional a partir da infamiliaridade das pulsões da morte como conceito fundamental para pensarmos a (in)determinação da psicopatologia, elucidamos que, para Jacques Lacan, a infamiliaridade da pulsão é tomada a partir das referências que permitem conceituar do *objeto a* (CABRAL, 2023 p.35).

Freud também articula o conceito de "Nachträglichkeit" (posterioridade), segundo o qual um evento só se torna traumático a partir de uma segunda cena, que reativa o conteúdo do primeiro evento, atribuindo-lhe significado retroativo. Tal noção permite compreender a constituição não linear da experiência traumática e sua persistência sintomática. “Freud acentuou desde o início que o sujeito modifica a posteriori os acontecimentos passados e que essa modificação lhes confere um sentido e mesmo uma eficácia ou um poder patogênico” Laplanche (2012, p.33). De acordo com Hur (2021), assim como teria acontecido com outras noções freudianas, a “Nachträglichkeit” passou por remodelações e sofreu abandonos temporários, mas não definitivos.

Lacan reposiciona o conceito de trauma, em diálogo com Freud, e o ressignifica radicalmente ao longo de seu ensino. Para Jacques Lacan, o trauma fundamental é estruturante e está vinculado à entrada do sujeito na linguagem. O trauma, portanto, não é um acidente, mas o que funda o sujeito do inconsciente em sua alienação ao significante. Soler (2021), ao se deter nas fórmulas utilizadas por Lacan para explicar o que se dizia discurso do Outro, conclui: “O significante é escutado, está nas linhas. O que se diz nas entrelinhas, no intervalo significante, se interpreta e se denomina desejo e fantasia” (Soler 2021, p. 83).

No *Seminário 11*, Lacan distingue entre *automaton* (repetição segundo o princípio de prazer) e *tyché* (encontro com o Real). O trauma, na perspectiva lacaniana, inscreve-se como um encontro com o Real, aquilo que escapa à simbolização e retorna como ponto de falha na

cadeia significativa. Esse Real se manifesta de forma traumática, não apenas pela intensidade de um evento externo, mas por sua qualidade de irrepresentável, de furo na estrutura simbólica. A fantasia, nesse contexto, funciona como um véu sobre o Real, organizando simbolicamente o que não pode ser plenamente representado. Assim, Lacan cunha o termo “troumatismo” para destacar o furo estrutural que constitui o sujeito. Após analisarem a definição dada por Lacan sobre a relação entre o real e a pulsão de morte Gonçalves e Marcos (2024) concluem:

Isso nos explica por que o real é descrito de maneira negativa, como se fosse necessário mostrar que há experiências que só se oferecem ao sujeito sob a forma de processos disruptivos, ou seja, acontecimentos contingenciais que interrompem o curso natural das coisas. Vemos, assim, que o real designa uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar (GONÇALVES e MARCOS 2024, p.7).

3.2 O trauma psicológico na visão de outros teóricos

Historicamente tem-se descrito, tanto na literatura científica quanto literária situações, casos e eventos com características similares que podem ser agrupadas no bojo conceitual que é o trauma psicológico: “Os problemas conceituais sobre o tema ganham maior relevância ao longo do Séc. XX, quando cada vez mais se faz necessário à sua aplicação prática pelos profissionais da saúde.” (Rigoli. 2019, 15). Levine (2023) discute que:

Ao longo do tempo, as pessoas têm sido atormentadas por lembranças que as enchem de medo e horror, por sentimentos de impotência, raiva, ódio e vingança e uma assoladora sensação de perda irreparável. Tanto na literatura antiga como na tragédia épica de gregos, sumérios e egípcios e em centenas de livros atuais sobre trauma, noticiários noturnos e confissões de celebridades, o trauma esteve e continua estando no epicentro da experiência humana (LEVINE 2023, p.21).

Conforme Levine (2023), o trauma é capaz de provocar um choque no cérebro, atordoar a mente e paralisar o corpo. Paul Conti, em seu livro *Trauma a epidemia invisível*, traz no primeiro capítulo uma definição do que seria trauma e o que ele afeta. Na definição trazida por ele, “trauma” é tudo o que cause dor emocional ou física e que deixa a sua marca numa pessoa, à medida que a vida avança. E sobre o que o trauma afeta, Conti (2022) nos fala o seguinte:

O trauma afeta tudo. Uma percentagem alarmante de nós tem sido significativamente magoada de formas que não podem ser vistas do exterior. Não me refiro a mágoas triviais, como quando alguém nos dá o sabor errado do gelado ou nos come o último biscoito. Por trauma refiro -me ao tipo de dor emocional ou física que frequentemente passa despercebida, mas que, na verdade, nos altera a biologia cerebral e a psicologia. Apesar de os seres humanos tenderem a ser bastante resilientes, muitos são os que sofrem destas mudanças traumáticas sob mais aspetos e durante mais tempo do que poderíamos imaginar (CONTI 2022, p. 25).

Salvador (2009), ao falar sobre dissociação do momento do trauma, explica que esse fator é o principal motivo para o desenvolvimento do (TEPT), pois pessoas que ativamente conseguem se dissociar do momento que ocorre o trauma são mais propensas a desenvolver futuramente sintomas subsequentes de TEPT do que os que não dissociaram. O autor prossegue explicando que: “quando o corpo não consegue escapar, a mente trata de não estar no corpo, na realidade”. E esse fator segundo o autor é conhecido como resposta de “*imobilidade tônica*”.

Para Bru et al (2009. p 5), o transtorno dissociativo está relacionado à presença de acontecimentos traumáticos na infância, sobretudo aos relacionados aos abusos sexuais. Estudos se referem à dissociação como sendo uma alteração que integra a consciência, a identidade, a memória e a percepção do que ocorre no entorno. Salvador (2009) considera que, devido à dissociação, o funcionamento da personalidade pode ficar organizado em torno de diferentes esquemas de ação implicados na defesa; esquemas não integrados que logo resultaram em funcionamento desadaptativo ante circunstâncias que podem recordar algo do evento original.

Dessa forma, perante um evento desencadeador do trauma vivido, o indivíduo pode agir de modo sucessivo ou simultâneo, respondendo com diversas formas de ações, tais como: ira, medo, paralisia, submissão entre outras. Para Kolk¹³ (2020), o trauma é insuportável e intolerável. Na opinião dele, as vítimas de estupro, os soldados que estiveram em combate, assim como as crianças molestadas sexualmente, em sua maioria, ficam tão perturbados ao refletir sobre suas experiências que tentam expulsar essas lembranças da mente e ir em frente como se nada tivesse acontecido. É preciso uma energia tremenda para levar uma vida normal e, ao mesmo tempo, carregar a memória do terror e a vergonha da absoluta fraqueza e vulnerabilidade.

Conti (2022) afirma que o trauma age como um vilão ao alimentar-se dos nossos sonhos e ao alterar as nossas decisões sem sequer percebermos. O médico continua sua explanação afirmando que: “este inimigo faz com que nos sintamos em conflito com quem somos, com o que somos capazes de alcançar e com o que merecemos.”

3.3 Trauma e memória

Trauma e memória estão profundamente interligados, formando uma relação complexa que influencia a forma como se notam e se processam as experiências. O trauma,

¹³ Médico psiquiatra , autor, pesquisador e educador holandês.

ocasionado por eventos dolorosos ou perturbadores, pode deixar marcas na mente, afetando a maneira de processar e reagir a fatos ocorridos no passado. A memória, por sua vez, não é uma reprodução exata da realidade, mas uma construção que pode ser moldada por emoções, interpretações e até mesmo pelo próprio trauma. Compreender essa conexão é fundamental para entender como as pessoas lidam com experiências difíceis e como elas podem, muitas vezes, reviver esses momentos de formas diferentes ao longo do tempo. Assim, explorar o trauma e a memória nos ajuda a entender melhor a complexidade da experiência humana e os caminhos possíveis para a cura e o entendimento de si mesmo.

Em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, Pollak (1989) ressalva que distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado e que sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Ele também diz existir uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos.

Conforme Levine (2023), tem aumentado o número de terapeutas interessados em trabalhar com memória traumática, sobretudo à medida que conhecem, aprendem e praticam as várias técnicas de abordagem. Ele cita em forma de uma ordem cronológica aproximada algumas dessas técnicas: “memerismo, hipnose, análise, exposição, Somatic experiencing (Se), Desemobilização e Reprocessamento pelo movimento dos olhos (EMDR) e várias ‘psicologias energéticas’ (por exemplo, pontos de (acupuntura)” (Levine 2023, p. 29). Todavia, o autor adverte para o fato de que, embora os terapeutas psicodinâmicos busquem ajudar os pacientes a lidar com a influência do passado no presente e dessa forma lhes assegure um futuro melhor, mais sadio, focado e útil, se eles não conseguirem entender na prática como o trauma se inscreve na forma de impressão de lembranças do corpo no cérebro e na mente, bem como na psique e na alma, o terapeuta por certo ficará perdido no labirinto de causa e efeito. Ele também pondera que, para uma terapia ser eficaz, é fundamental avaliar como o trauma se fixa nas reações dadas instintivamente pelo corpo a ameaças detectadas, e como se fixa em certas emoções particularmente as de medo, terror e raiva, bem como depressão, bipolaridade e perda de energia vital e em vários comportamentos autodestrutivos. O autor faz uma referência a Aristóteles ao dizer que:

Aristóteles acreditava que os homens nasciam como uma tábula rasa – um papel em branco – e que éramos o produto de uma vida gravada numa série de lembranças, assim como se faz em uma impressão em cera. No entanto a memória não é isso,

devemos aceitar a contragosto que ela não é concreta, definitiva e reproduzível, como a gravação de um vídeo, que se pode ser recuperado a qualquer momento. Ao contrário, é mais efêmero, sempre mutante na forma e no significado (LEVINE 2023, p. 33).

Kolk (2020) argumenta que traumas, especialmente os vivenciados na infância, não são apenas lembranças emocionais armazenadas como memória comum. Em vez disso, ficam gravados no corpo e no cérebro de maneira diferente, influenciando o comportamento, a percepção e as emoções mesmo depois de décadas de o evento traumático ter ocorrido. O autor expõe que as experiências traumáticas tendem a ser armazenadas como *sensações corporais, emoções intensas e fragmentos de imagens*, em vez de uma narrativa coerente com começo, meio e fim. Além disso, a parte do cérebro responsável por dar sentido lógico às experiências (o córtex pré-frontal) muitas vezes se "desliga" durante o trauma, impedindo que o evento seja processado normalmente. O psiquiatra mostra através de vários estudos e de experiências feitas com voluntários que o corpo guarda o trauma, através de sintomas como hipervigilância, dores físicas crônicas, distúrbios do sono, e reações exageradas a estímulos inofensivos (gatilhos). E, mesmo que a pessoa não se lembre de maneira consciente, o corpo pode reagir como se ele estivesse ocorrendo novamente

3.4 Trauma e o uso de substâncias

Diferentes estudos revelam que a exposição ao abuso infantil ou a traumas durante algum momento da vida se relaciona com o uso e abuso de drogas. Um desses estudos, apontado num artigo envolvendo pesquisadores da PUCRS, da UFCSPA, do IPB e do Sistema de Saúde Mãe de Deus¹⁴, demonstram que um número significativo de sujeitos com dependência de substâncias vivenciou algum evento traumático nos primeiros anos de vida e que esses sujeitos apresentaram alterações referentes à idade do primeiro uso de substâncias, experimentando diversas drogas prematuramente em relação a sujeitos que vivenciaram uma experiência traumática somente na idade adulta. O artigo ressalta ainda que, quanto mais precoce o trauma vivenciado, mais prematuro poderia ser o primeiro contato com as substâncias de abuso consideradas "porta de entrada" como álcool e maconha, ainda que esse efeito possa estar associado igualmente à experimentação de cocaína.

¹⁴ Saulo Gantes Tractenberg¹, Thiago Wendt Viola¹, Caroline Silva de Oliveira Rosa¹, Julia Medeiros Donati¹, Ingrid D'Ávila Francke², Julio Carlos Pezzi³, Rodrigo Grassi-Oliveira^{1,4}. Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuárias de crack. 1 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Núcleo de Estudos e Pesquisa em Trauma e Estresse (NEPTE). 2 Sistema de Saúde Mãe de Deus. 3 Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. 4 Instituto de Pesquisas Biomédicas (IPB).

Tudo o que foi abordado sobre o tema neste capítulo mostra como o trauma psicológico é uma experiência complexa e multifacetada, capaz de gerar profundas alterações emocionais, comportamentais e neurofisiológicas nas pessoas. Desde suas definições variadas na literatura até sua relação com dissociação, transtorno de estresse pós-traumático e o uso de substâncias, fica evidente que o trauma pode impactar significativamente a vida do indivíduo, muitas vezes de forma invisível, mas profunda.

4 CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DA OBRA *AS MENINAS*

Em *Literatura e sociedade* (2006), Candido considera o contexto histórico peça fundamental para a compreensão da obra literária. Para o crítico, a literatura não é isolada, mas um espelho das condições sociais, e seu papel é contribuir para a compreensão e a transformação da sociedade. Assim, o pensamento do autor valoriza a relação dialética entre literatura e história, mostrando que ambas estão interligadas e se influenciam mutuamente.

Lygia Fagundes Teles, ao escrever a obra *As meninas* (1973), resolveu ambientá-la no mesmo ano em que o romance foi escrito, trazendo para suas protagonistas traços do que ocorria na sociedade existente no Brasil do início dos anos 70. Ao ser entrevistada pela Revista Brasileira de Psicanálise (2008), e ao responder sobre o conto “Moço do Saxofone”, a escritora em dado momento lembra de uma indagação feita por um jovem na rua, que lhe perguntou de qual dos seus livros ela gostava mais. A romancista respondeu o seguinte: *As meninas*; veja que sou volúvel nas minhas escritas. Esse romance foi escrito nos anos de chumbo, plena ditadura militar, sou como escritora, uma testemunha desse nosso tempo e dessa sociedade (PEPSIC 2008, p, 18).

A autora, em uma de suas entrevistas, dada ao jornal *O Estadão* em 2003 e lembrada novamente no dia da sua morte (03/04/1922) pelo jornal ‘Zero Hora’, comenta que sua atitude mais ousada foi incluir no romance *As meninas* a descrição de uma tortura. A escritora recebeu em 1971 um panfleto que detalhava a violência física sofrida por um preso político. Impactada e incentivada pelo marido com o argumento de que as personagens ganhavam liberdade no ato da escrita, o que impedia o controle de suas ações. Na entrevista, Lygia também ressalta que a prosa intimista de *As meninas*, porém, despontara como sua primeira e melhor defesa, pois o censor encarregado de analisar o romance, provavelmente um homem pouco afeito a preciosismos literários, liberou-o depois de ler poucas páginas, aborrecido com o que julgou falta de ação, motivo pelo qual, segundo a escritora, ele não chegou ao momento da tortura relatado no livro.

Sobre seu engajamento e sua posição, Lygia Fagundes Telles faz o seguinte comentário:

Ricardo Ramos, um querido amigo e grande escritor, filho de Graciliano Ramos, escreveu sobre *As Meninas* e disse que esse romance levou em plena quadra de horror o nosso primeiro depoimento de tortura. Sim esse depoimento aí está meio escamoteado na boca da personagem Lia, a Lião. E como eu poderia escrever um romance morno em pleno ano de 1970? Somos testemunhas e participantes deste tempo e desta sociedade com todos os seus vícios e virtudes. “Lutar com a palavra/ é a luta mais vã/ no entanto lutamos/ mal rompe a manhã. Os versos são do poeta e valem para sempre, uns lutam com o cimento armado. Com as leis, Outros, com bisturis. Com as máquinas – tantas e tão variadas lutas. Eu luto com a palavra. É bom? É ruim? Não interessa, é a minha vocação (Telles 2009, p. 298).¹⁵

O comentário da autora está em consenso com o pensamento do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, que, na obra *Literatura e Sociedade* (2006, p. 40), explana que “A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”. Telles procura explicar nesse trecho citado que não foi uma escritora que fugiu da realidade vivida no país, mas que buscou inserir em suas obras fatos dessa realidade.

Telles escreveu e publicou o romance *As meninas* em pleno período militar, mais precisamente durante o governo do então ditador, o general Emilio Garrastazu Médici, considerado pelo documento “Memórias da Ditadura” como sendo o que inaugurou o período mais sombrio do regime com a aplicação do terror do Estado para enfrentar a resistência dos opositores. A escritora Flora Sussekind (2004 p.29) nomeia o período dos governos de Costa e Silva e sobretudo o de Médici como sendo: “O império do medo”, um período marcado por extensa censura, torturas e autoritarismo. Falando especificamente de Medici, o historiador e escritor Júlio José Chiavenato declara: “Médici inaugurou o período mais duro da repressão contra a crescente oposição clandestina.” (CHIAVENATO 2014, p.63). A oposição clandestina se mobilizava de várias maneiras: greves, manifestações estudantis e guerrilhas.

3.1 O autoritarismo militar e as guerrilhas

O autoritarismo esteve presente em vários momentos da história brasileira, especialmente durante o chamado *Estado Novo* (1937–1945), sob Getúlio Vargas, e na Ditadura Militar (1964–1985. Marilena Chauí, ao falar de cultura e autoritarismo (2013), comenta que “Os traços do autoritarismo foram, sem dúvida, reforçados com o golpe de Estado de 1964, paradoxalmente batizado com o nome de “revolução”. Esse autoritarismo se intensificou durante o final dos anos 60 e início dos anos 70. Contra essa intensificação

¹⁵ Trecho retirado do posfácio do romance *As Meninas*. Mas originalmente publicado em O Estado de S. Paulo, em outubro de 1995.

autoritária, jovens rebelaram-se estudantes universitários brasileiros influenciados pelos protestos que ocorriam em boa parte da Europa e dos Estados Unidos, e que tinham como lema a frase “é proibido proibir”, e que eram comandados em sua maioria por jovens que se manifestavam contra todos os tipos de autoritarismo existente: o familiar, o acadêmico e o político.

No Brasil, as manifestações eram feitas em sua maioria por estudantes universitários que saíam às ruas para protestar em prol das causas universitárias e contra o regime político vigente na época, ou então amotinavam-se dentro das dependências das universidades, gritando palavras de ordem contra o regime. A radicalização dessas manifestações foi aumentando, chegando ao ponto de muitos grupos começarem a aprender técnicas de guerrilha para poder lutar contra o regime. Segundo a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, “Muitas organizações de lutas armadas possuíam um grande número de estudantes entre os seus integrantes”. Estudantes que Aarão Reis (2000) chama de “bravos jovens” e “radicais equivocados”. O autor (Aarão Reis) também discorre que, entre 1969 e 1972, desdobraram-se ações espetaculares de guerrilha urbana: expropriações de armas e fundos, ataques a quartéis, cercos e fugas, sequestros de embaixadores. O historiador prossegue a informação dizendo: “Os revolucionários chegaram a ter momentos fulgurantes, mas, isolados, foram cedo aniquilados” (Reis 2000, p.37).

Durante os anos de 1972 a 1975, foram caçados, presos ou mortos, os membros da última guerrilha não urbana existente, a do Araguaia, que reunia algumas dezenas de guerrilheiros, entre os estados do Pará, Maranhão e o atual estado de Tocantins. Chiavenato (2014) revela que, enquanto guerrilheiros marxistas buscavam cativar o povo que vivia nessa região, frequentando os forrós e candomblés, estabelecendo precárias farmácias e oferecendo os seus “serviços médicos” a quem precisasse, participando das lutas contra os capangas dos latifundiários, afugentando os grileiros contratados para expulsar os posseiros. Os das forças de repressão chegaram torturando e, em abril de 1972, na cidade Xambioá, antiga cidade de Goiás e atualmente pertencente ao estado de Tocantins, soldados da Aeronáutica prenderam e torturaram posseiros em busca de informações sobre os chamados “terroristas”. E nessas buscas invadiram casas e incendiaram roças e vendas, torturaram e amarraram moradores em praças públicas para forçar a cooperação. Chiavenato segue dizendo que, nem mesmo, os padres foram poupados da brutalidade. Sobre esse momento sombrio da história e da opção de alguns estudantes pela luta armada, D’Araújo, Soares e Castro trazem as seguintes informações:

O custo dessa opção da juventude estudantil em se rebelar contra o governo foi, como se sabe muito alto. No período dura da repressão os estudantes foram a categoria social mais visada e mais atingida, ocupando o primeiro lugar nos casos de morte, tortura e denúncias, segundo dados do Brasil Nunca Mais. Num período em que a população de nível superior no Brasil atingia 1,4 da população, este pequeno contingente contribuía com 39% dos casos de morte, por razões políticas, 26 dos casos de tortura e 21% dos denunciados. *Nas malhas da repressão os estudantes eram um alvo privilegiado, e isto não era infundado. A maior parte dos que aderiram à guerrilha provinha de setores socioeducacionais de níveis mais elevados. (D'ARAUJO; SOARES; CASTRO, 1994, p. 22).

Outro ponto trazido por Chiavenato é o fato de que nenhum dos guerrilheiros sobreviventes da guerrilha do Araguaia responderam pelos crimes que a Lei de Segurança Nacional punia severamente. As penas foram de cinco a sete anos de cadeia. E o motivo, segundo o historiador, de eles não terem sido condenados a penas mais severas era porque Medici não desejava chamar a atenção, não interessava para ele fazer um julgamento que pudesse despertar a curiosidade interna e, principalmente, do exterior sobre o combate. “Para o governo, dentro do seu triunfalismo, a Guerrilha do Araguaia não aconteceu *“oficialmente”*. Os sobreviventes foram *“desqualificados”* com penas leves; os mortos, ignorados: legalmente nunca existiram — os seus corpos despedaçados perderam-se na selva.” (Chiavenato 2014, p.95).

Vencidas as guerrilhas, a ditadura procurou livrar-se de boa parte dos considerados subversivos e inimigos da pátria, pois muitos intelectuais e artistas tiveram que procurar voluntária ou forçadamente exílio fora do país, entre eles podemos citar: Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ferreira Gullar, Cacá Diegues, Nara Leão entre outros. Chauí (2013) pontua que, logo após a repressão sangrenta contra as ações subversivas e de guerrilha, o aparato militar-repressivo começa a vigiar os atos comuns da população, “em especial trabalhadores do campo e da cidade (particularmente sindicalistas de oposição), desempregados, negros, menores infratores, presos comuns e delinquentes em geral (aí incluídos travestis e prostitutas).” (CHAUÍ, p.156).

3.2 O autoritarismo militar e a literatura

Vários escritores trazem em suas obras denúncias contra o autoritarismo existente no Brasil durante os governos militares. Sobre a importância da literatura durante esse momento da história brasileira, o portal Memórias da Ditadura¹⁶ faz a seguinte explanação: “A literatura teve um papel importante entre as artes. Tanto no diagnóstico da violência e da

¹⁶ Criado em 1999 pelo Instituto Vladimir Herzog, com o intuito de promover o conhecimento sobre o período da ditadura militar no Brasil.

experiência social sob a autoritarismo, quanto ao exame das condições e impasses dos intelectuais de esquerda que se opunham ao regime.”. Perlatto (2017 p.727) pondera que a literatura tem se mostrado particularmente frutífera do ponto de vista analítico ao fazer uma elaboração da representação mais complexa e multifacetada de experiências vividas sob os governos militares.

Alguns livros de não ficção, escritos após a instauração desse regime, traziam relatos fiéis do que ocorria no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Foram livros escritos por pessoas que, por terem um certo poder, conseguiram divulgar seus livros sem terem o olhar muito apurado da censura. Eurídice Figueiredo (2017 p.59) cita três livros escritos que chamam a atenção pelo título, são eles: *Torturas e torturados*, escrito em 1966 pelo então Deputado Federal Marcio Moreira Alves; *Oposição no Brasil hoje*, obra escrita por Marcos Freire (1974), que também exercia o cargo de deputado federal. O referido deputado, segundo Figueiredo (p 59), menciona nesta obra a morte do ex-deputado Rubens Paiva; o outro autor mencionado pela autora é *Dos governos militares 1969-1974*, escrito pelo historiador Hélio Silva em 1975, em que faz menção à morte de Stuart Angel. Ao falar sobre os livros de ficção literária, Figueiredo (p. 59) comenta:

Além de todos os livros de não ficção, foram muitos os romances, contos e poemas que trataram da luta, prisão, tortura e morte de militantes políticos. Lygia Fagundes Telles em *As meninas* (1973) e Ignácio de Loyola Brandão, *Zero* (1975), também tematizaram a luta política e a tortura. Se os livros de Lygia e de Callado não sofreram censura o de Loyola Brandão foi proibido e só liberado em 1979, quando apareceu a segunda edição. [...] (FIGUEIREDO, 2017, p.59).

Flora Sussekind (2004) explica que a censura só iniciou as restrições mais rigorosas aos livros a partir de 1975, pois antes ela estava mais voltada para outros meios de cultura de massa tais como: os jornais, a televisão, as peças de teatro e cinema. A autora comenta que a razão para isso talvez esteja no boom editorial ocorrido nesse ano específico, pois ao crescer o interesse pelos livros literários, cresceu também o interesse dos censores. Sussekind cita um artigo do jornal *Opinião* para explicar que, dado o controle rígido exercido pelos censores aos filmes, e como a grande maioria dos filmes exibidos eram importados, as companhias que trabalhava com sua distribuição já faziam uma seleção antecipada do que poderia ser exibido no mercado brasileiro. E essa seria, portanto, outra razão para que houvesse nessa época mais livros censurados do que filmes. A pesquisadora encerra o tema falando:

[...] Preencher as lacunas de jornais e veículos de massa, aproveita-se de seu próprio caráter artesanal e de um conhecimento prévio de seu público restrito: estas são uma das preocupações da produção literária dos anos 70. Estratégia que receberia uma resposta mais violenta por parte dos mecanismos de censura principalmente depois

de 1975, quando os *media* já exerciam uma auto censura forte ao ponto de liberar a atenção dos censores para outras áreas (SUSSEKIND, 2004. p. 37).

4.4. A sociedade desigual dos anos 70

Segundo uma reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, em 2007, a década de 1970 perpetuou a desigualdade no país, pois, embora nessa época houvesse um forte crescimento industrial, sobretudo em São Paulo, havia também pouca mão de obra qualificada, fazendo com que os salários desses poucos disparassem, mas do outro lado havia aqueles que, por não ter qualificação, não conseguiam ascender economicamente, afluindo a desigualdade social. A reportagem cita 1973 ao dizer que: “Em 1973, o país rompia a barreira dos 100 milhões de habitantes com uma taxa de analfabetismo de 33% (apurada pelo Censo de 1970) ”. Outro ponto interessante trazido por essa reportagem são os depoimentos de quem passou por essa década:

Perseguido pela censura a ponto de ficar dois anos proibido de fazer shows em Brasília, o cantor Ney Matogrosso, líder dos Secos & Molhados, diz que nunca ganhou tanto dinheiro como nos anos 70. "Naquela época, eu ganhava mais trabalhando o mesmo, fazendo a mesma quantidade de shows. Vendia 1 milhão de cópias. Hoje, não sei onde está essa economia maravilhosa que dizem. Não vejo o dinheiro circular. A classe média vivia melhor. Hoje, virou indigente." Victória Grabois, cujos pai, irmão e marido morreram na guerrilha do Araguaia, em 1973, diz que, de fato, a sensação era a de situação econômica melhor, apesar de viver como "refugiada" dentro do próprio país. "Vivia em São Paulo com documento falso. Só não morri porque voltei da guerrilha para ter meu filho. O instinto materno foi mais forte", disse. Com sua "nova identidade", ela virou professora na rede estadual de São Paulo e, sozinha, sustentava a mãe e o filho com relativo conforto. "Foi um período horrível, mas via as pessoas comprarem eletrodomésticos, coisas para a casa. Certamente, com o salário de hoje de professor, não sustentaria uma família", diz. (P.S) (FOLHA DE SÃO PAULO MERCADO/DINHEIRO, 2007, p.B10).

Se houve melhoria para alguns, para outros foi um período de grandes dificuldades. Conforme Chiavenato (2014), a concentração de renda foi feita às custas do achatamento salarial das classes baixas, da diminuição gradativa do valor pago aos trabalhadores, enquanto se ofereciam salários mais altos a uma pequena elite consumidora, ampliando o mercado de supérfluos para a “classe média alta”. Para o historiador, esses fatores combinados com a especulação financeira, sustentaram durante certo tempo o “*milagre brasileiro*”. Chiavenato diz que: “nesse tempo de “milagre” em 1973, produziu-se mais de 1 milhão de automóveis e, embora o PIB crescesse 11,4%, registrou-se a maior baixa salarial da nossa história” (Chiavenato 2014, p. 79).

Aarão Reis (2000) comenta que os êxitos econômicos não conseguiam disfarçar as desigualdades sociais que começaram, no início ainda dos anos 70, a ser denunciadas por

insuspeitos organismos internacionais. E ele cita como exemplo a fala do próprio presidente Medici que, num ato falho, segundo o autor, ou em um acesso de sinceridade, disse que, embora a economia estivesse bem, o povo, ou pelo menos grande parte dele, ia mal. Ele continua falando que, embora a propaganda oficial anunciasse periodicamente programas ou pacotes sociais, qualquer coisa ali que não funcionava. Os pacotes simplesmente não engrenavam, ou não se deixavam abrir.

Dentre os programas citados por Reis, cabe destacar: A Transamazônica; O projeto das agrovilas criadas para beneficiar milhares de camponeses nordestinos sem-terra que encerrou com cerca de seis mil instalados; o Mobral cuja meta era oito milhões de analfabetos entre os anos de 1970 e 1974, porém foi encerrado anos mais tarde sem ter conseguido nenhum êxito. Entretanto o escritor considera que o milagre, apesar de ter gerado desigualdades de todo o tipo, sociais e regionais, foi capaz de beneficiar, de forma substancial, muitos setores modernos da economia. Ele cita como exemplo desses benefícios: as consideradas camadas das classes médias, que tiveram acesso ao crédito farto e fácil e puderam adquirir, em massa, a casa própria e o primeiro automóvel; os funcionários públicos, principalmente os das estatais, viveram também um período bastante favorável, apoiados em toda uma série de planos assistenciais; os importantes setores de trabalhadores autônomos e operários qualificados, sobretudo os empregados em grandes empresas de capital internacional, beneficiavam-se de condições particulares, de modo nenhum extensivas a toda a sociedade.

Ademais, o autor comenta que havia enormes sombras na paisagem, que os holofotes da publicidade não conseguiam esconder como os pequenos posseiros e proprietários de terra, que perderam sua pouca terra no processo terrível da concentração fundiária e viraram desterrados em seu próprio país; os trabalhadores sem qualificação adaptada à sede de lucro dos capitais, que ficavam à margem, desabrigados e desprotegidos no ambiente cada vez mais esgarçado de um tecido social cujas redes de proteção (saúde e educação públicas) se deterioravam cada vez mais. Ele afirma que estes: “Constituíam vastos contingentes, perdidos, sem eira nem beira, chamados equivocadamente de excluídos, porque eram legítimo produto do sistema e, como tal, estavam nele incluídíssimos, embora cada vez mais aparecessem como descartáveis” (REIS, 2000., p. 44).

No Dossiê “*O GOLPE DE 1964 E O NORDESTE*”. Celso Furtado¹⁷ (2012) depõe que o golpe militar de 64 inicialmente teve consequências limitadas e passou quase despercebido em várias regiões do país. Em São Paulo, foi apenas mais um golpe, mas logo atenderam a interesses econômicos locais, e a região se acomodou. Já no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, a tensão foi maior, embora passageira. Ele acrescenta, porém, que no “Nordeste, as consequências do golpe foram bastante graves, porque naquele momento havia uma política social em andamento para diminuir o atraso social existente na região”. O economista encerra o seu depoimento sobre o golpe militar da seguinte forma:

Quaisquer que tenham sido as intenções dos autores do golpe militar de 1964, seus efeitos mais perversos, de consequências que se prolongam até hoje, são claros. O regime militar cometeu o crime de liquidar com a prática da democracia, condenando pelo menos duas gerações a desconhecêrem, senão menosprezarem, os instrumentos políticos que permitem o verdadeiro desenvolvimento das sociedades. Para os nordestinos em particular, seu dano mais nefasto foi, sem lugar a dúvida, a interrupção do processo de reconstrução das anacrônicas estruturas agrárias e sociais de nosso país, numa região onde eram mais deletérios os efeitos do latifundismo e, paradoxalmente, mais profundo o movimento renovador em curso (FURTADO 2012, p. 2).

Numa visão mais realista desse período e falando especificamente dos anos 70, Reis (2000) diz que esses anos precisam ser revisados, pois foram anos também de ouro. O escritor os compara a areias movediças, por haver os que afundavam, e os que emergiam. O autor revela que na nação foi-se formando uma pirâmide social cheia de distorções, em que a concentração de renda e de poder chamava a atenção do observador mais desatento e, que o topo dessa pirâmide já enriquecido, prosperou ainda mais, enquanto base já miserável, mais miserável se tornou. O historiador acrescenta também que entre esses dois extremos existiam as camadas de amortecimento, responsáveis por dar vigor estabilidade e saúde ao que ele chama metaforicamente de corpo. Corpo este: “cuja cabeça estava – e ainda está nas ricas avenidas de Miami, enquanto os pés chafurdam nas miseráveis favelas” (Reis, 2000, p.43)

Ao fazer a análise deste capítulo, pode-se perceber como a história do Brasil nos anos finais da década de 60 e durante a de 70 foi marcada por momentos de grande turbulência e transformação. Desde o autoritarismo militar, passando pela resistência de artistas, escritores e jovens estudantes, até as questões sociais e culturais que emergiram nesse período, fica claro que a literatura e as manifestações culturais desempenharam um papel fundamental na denúncia e na reflexão sobre o regime. Além disso, o contexto de desigualdade, repressão e

¹⁷ Celso Furtado foi um importante economista brasileiro que se destacou por suas ideias sobre o subdesenvolvimento e a dependência econômica da América Latina. Atuou na CEPAL, escreveu *Formação Econômica do Brasil* e teve participação ativa na política como ministro da cultura. Também foi embaixador e membro da ABL.

luta por liberdade moldou profundamente a sociedade brasileira, deixando marcas que ainda reverberam nos dias atuais. Compreender esse cenário e o papel da literatura em refletir o contexto histórico é essencial para apreciar a complexidade da nossa história e a força da nossa cultura em resistir e transformar.

5. FRAGMENTAÇÃO E TRAUMA NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

A obra *As Meninas*, publicada em 1973⁷ por Lygia Fagundes Telles, representa um marco na literatura brasileira contemporânea, não apenas por sua qualidade estética, mas também por sua capacidade de articular, através de uma estrutura narrativa fragmentada, os traumas individuais e coletivos de uma geração que vivenciou o período da Ditadura Militar no Brasil. O romance apresenta três jovens universitárias – Lorena, Lia e Ana Clara – que dividem espaço de um pensionato de freiras, mas cujas experiências, memórias e trajetórias revelam diferentes dimensões do trauma psíquico, tanto em sua manifestação individual quanto em sua expressão social e histórica.

A fragmentação narrativa presente na obra não constitui apenas um recurso estilístico, mas funciona como um espelhamento formal da própria natureza do trauma, que, segundo a teoria psicanalítica, manifesta-se de modo fragmentário, resistente à simbolização e à integração na cadeia significante do sujeito. Como aponta Freud (1920/2010) em “Além do Princípio do Prazer”, o trauma representa uma ruptura no escudo protetor do aparelho psíquico, uma experiência que excede a capacidade de elaboração do sujeito e que, por isso mesmo, retorna de modo compulsivo, através de sintomas, sonhos traumáticos e repetições.

5.1 A fragmentação narrativa como expressão do trauma

A estrutura narrativa de *As meninas* é marcada por uma constante alternância de vozes, perspectiva e temporalidades, sem qualquer marcação tipográfica que sinalize essas transições. O leitor é lançado, sem aviso prévio, de um fluxo de consciência a outro, de uma memória a outra, em um movimento que mimetiza a própria experiência traumática, caracterizada pela desarticulação temporal e pela dificuldade de integração narrativa. Como observa Caruth (1999, p. 4), “o trauma não é localizável em um evento violento ou abusivo do passado de um indivíduo, mas sim na forma como não foi conhecida no primeiro momento – retorna para assombrar o sobrevivente mais tarde”.

Essa fragmentação pode ser observada já nas primeiras páginas do romance, quando a narrativa salta abruptamente do fluxo de consciência de Lorena para um diálogo entre ela e Lia no jardim do pensionato:

Num salto elástico, Lorena se atirou na cama de ferro dourada, da cor do papel de parede. Ensaçou alguns passos de dança, levantou a perna até tocar com o pé descalço na barra de ferro e saltou para cair na estreita listra azul do tapete de juta. [...] – Lorena! A voz vinha do jardim (Telles, 2009, p.16).

A transição abrupta entre o mundo interior de Lorena e a realidade externa simboliza a própria natureza do trauma, que, segundo Lacan (1964/1998), constitui um encontro faltoso com o real, um encontro que não pode ser simbolizado e que, portanto, permanece como um núcleo estranho ao eu, retornando de modo insistente. A fragmentação narrativa funciona, assim, como uma metáfora estrutural do próprio funcionamento do trauma, que rompe a linearidade temporal e coerência narrativa do sujeito.

5.2 Lorena: o trauma da perda e a fragmentação do desejo

Lorena Vaz Leme, jovem de classe alta, vive praticamente reclusa em seu quarto no pensionato, cercada por objetos que remetem a um passado idealizado e a um presente marcado pela ausência. Seu trauma central está relacionado à morte do irmão mais novo, Rômulo, evento que desencadeou a separação dos pais e a desintegração da família. Como afirma Freud (1917/2010) em *Luto e Melancolia*, a perda do objeto amado pode desencadear processos psíquicos distintos: o luto, caracterizado pela aceitação gradual da perda, ou a melancolia, marcada pela identificação com o objeto perdido e pela impossibilidade de elaboração da perda.

No caso de Lorena, observa-se uma oscilação entre esses dois estados, manifestada através de rituais obsessivos, devaneios e uma constante rememoração do passado:

— E você, Rômulo? Onde agora? Apertou os olhos úmidos e colocou o disco no prato. Mansamente levantou a agulha e a conduziu como o bico de um pássaro cego até a vasilha d'água. Deixou-a tombar.

[...]

“Mas como foi isso, Lorena?, perguntou com voz rouca. Apenas rouca. Os dois estavam brincando, acho que o Remo era o bandido, só sei que trouxe espingarda e apontou, não foi por mal mãezinha, não mesmo. [...] Fiquei ali pregada, a boca de Rômulo também se abriu e se fechou silenciosa como a de um peixe atirado na areia que a água não alcança mais. Foi ficando suave. Se pudesse, pediria desculpa por estar morrendo.

— Sonhando, filha ?

Fecho Rômulo e a garrafa de licor na custódia de vidro do bar. Cerro a cortina. E.M.N, que não telefona. E esse Noturno tocando com esse sol, ah, queria agora mesmo montar na moto e correr sem corpo, sem pensamento, me busca, Fabrizio! Morrer deflagrada. M. N. verá chegar um estilhaço ensanguentado, “Lorena”. Deflagrada e deflorada (TELLES, 2009, p. 16 , 124 e 125).

A fragmentação do discurso de Lorena, marcado por associações livres, digressões e interrupções abruptas, reflete a própria fragmentação de seu desejo, dividido entre o passado idealizado da infância, o presente marcado pela espera de um amante casado (M.N.) e um futuro incerto. Segundo Lacan (1957-1958/1999), o desejo se articula na cadeia significante como metonímia, como um deslizamento constante que nunca encontra seu objeto. No caso

de Lorena, esse deslizamento é intensificado pelo trauma da perda, que a mantém presa a um circuito de repetição e idealização.

A relação de Lorena com M.N., um homem casado que raramente a visita, pode ser compreendida à luz do conceito freudiano de compulsão à repetição. Como afirma Freud (1920/2010), o sujeito traumatizado tende a repetir situações que reatualizam o trauma original, em uma tentativa paradoxal de elaboração. Ao se envolver com um homem indisponível, Lorena repete, inconscientemente, a experiência de perda e abandono que marcou sua infância, em uma tentativa de dominar, retroativamente, o trauma original.

5.3 Lia: o trauma político e a fragmentação da identidade

Lia de Melo Schultz, conhecida como "Lião", representa a militância política contra a ditadura militar. Filha de mãe baiana e pai alemão, sua própria origem já aponta para uma identidade fragmentada, dividida entre diferentes heranças culturais. Seu trauma central está relacionado à violência política do regime militar, materializada na prisão e tortura de seu namorado, Miguel:

...Ô, Miguel, “segure as pontas” você disse. É o que procuro fazer. Mas as vezes fico oca, está vendo? Não sei explicar mas é duro demais cumprir a rotina, queria ser presa, fica no seu lugar, por que não fui presa em seu lugar? Queria morrer. [...] Que me importa dormir no meio dos bêbados, das putas, o cigarro aceso no meu peito, dói sim, mas se soubesse que você está livre, dormindo na estrada ou debaixo da ponte. Mas livre. Não sei aguentar sofrimento dos outros, entende? O seu sofrimento Miguel. O meu aguentaria bem, sou dura. Mas se penso em você fico uma droga, quero chorar. Morrer (TELLES, 2009, p.19).

A fragmentação da identidade de Lia manifesta-se em sua oscilação entre diferentes posicionamentos: a militante revolucionária, disposta a sacrificar tudo pela causa; a intelectual que questiona os rumos do movimento; a mulher que sofre com a separação do amado; a amiga que se preocupa com Lorena e Ana Clara. Como observa Kalsched (1996), o trauma severo provoca uma fragmentação do sistema self-cuidado, criando partes dissociadas que assumem funções específicas de proteção.

Essa fragmentação é evidenciada no discurso de Lia, que alterna entre o jargão político revolucionário, o que pensa sobre os padres da igreja católica, a que é capaz de dar conselhos ao companheiro de codinome Pedro, a que se sente insegura em relação ao modo de escrever e a que se sente incomodada com um boneco:

[...] Mas, Pedro, não estamos brincando, eu queria que você entendesse bem isto. Aqui eu sou Rosa e você é Pedro. Fim.
[...]

Não sei explicar, mas todo aquele que luta com plena consciência para ajudar alguém em meio da ignorância e da miséria, todo aquele que através dos seus instrumentos de trabalho, do seu ofício der a mão ao vizinho, é santo.

[...]

– Não sei explicar, Pedro, mas no caso atrapalha bastante. Fragmenta. E o padre tem que estar inteiro porque fragmentados já estamos nós. Padre a fim de trepar não tem vocação, é um equívoco e essa história de equívoco é abominável.

[...]

Presta atenção, falar em subdesenvolvimento não é só falar nas crianças, depois dou o número exato das morrem por dia. Tem o analfabetismo. A multiplicação das favelas. Os retirantes, dê um passeio pelas rodoviárias, escute o que essa gente fala.

[...]

Quem sabe um dia vou escrever bem. Se isso acontecer. Tenho pensado num diário, diário deve ser mais simples, uma coisa assim despojada, a Lorena me aconselha a escrever despojada, me acha barroca. Sou barroca por dentro e por fora aceito. Planejamento e estrelas. Genialidades sem gênio, é isso Miguel?

[...]

Fico olhando o bebezinho de plástico dependurado no espelhinho. A carinha ri tão safada que não consigo me desviar dele [...] O bebezinho safado se sacudiu de rir com o solavanco do carro. Descubro que não é sua masturbação que me enjoa mas sua carinha lustrosa, satisfeita (TELLES 2009, p. 131, 132,133,136,137, 138,139,219).

A experiência traumática da violência política, segundo Caruth (1996), não se limita ao evento em si, mas se estende à impossibilidade de sua plena compreensão e integração na consciência. No caso de Lia, essa impossibilidade manifesta-se em sua constante necessidade de racionalizar e teorizar sobre a revolução, em uma tentativa de dar sentido a uma experiência que, em sua essência, resiste à simbolização.

5.4 Ana Clara: o trauma da violência sexual e a fragmentação do eu

Ana Clara Conceição ou “Ana Turva”, nome batizado por Lorena e Lia ao se referirem à amiga, representa o extremo da fragmentação psíquica. Oriunda de uma família desestruturada, com um histórico de abuso sexual na infância e dependência química na juventude, ela encarna o que van der Kolk (2014) denomina "trauma desenvolvimental complexo", caracterizado por experiências adversas precoces e repetidas, que comprometem o desenvolvimento de recursos psíquicos básicos.

A fragmentação do eu de Ana Clara manifesta-se em seu discurso desarticulado, marcado por associações livres, alucinações e constantes oscilações entre passado e presente:

Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga, pomba. Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que esta droga de cabeça tem tanto ódio de mim? [...] Mas que amorzinho que nada. Max eu te amo. Eu te amo mas não sinto nada nem com você nem com ninguém. Faz tempo que eu não sinto. Travada. [...] Mas doutor Algodãozinho era branco. Olho azul o sacana Esse era o apelido mas e o nome? Doutor Hachibe disse que a gente expulsa tudo que for ruim e se for assim esse maldito nome não vou lembrar nunca. Mas lembro o apelido.[...] Baixou a cadeira. A correntinha que prendia o guardanapo me beliscou o pescoço. A mancha de sangue endurecido numa das pontas do guardanapo me beliscou o pescoço.

Quietinha. Quietinha ele foi repetindo como fazia durante o tratamento. Você vai ganhar uma ponte. Não quer ganhar a ponte?
 - Depressa Max quero beber – pediu ela fechando as mãos (TELLES, 2009, p. 36, 37, 39, 43).

O fluxo de consciência de Ana Clara revela a profunda desorganização de seu mundo interno, em que memórias traumáticas da infância se misturam a fantasias de ascensão social através do casamento com um homem rico e a experiências de intoxicação por drogas. Isso pode ser claramente notado nos trechos abaixo:

O ano que vem. Já está tudo programado isto é só a despedida, estou lúcida não estou? A gente tem que conhecer as coisas todas, chegar ao fundo do poço e depois dar aquela arrancada de uiiiiiiim! Meu noivo tem um aviãozinho só dele. Dou uma casa pra senhora na praia tenho paixão pelo mar olha aí o mar.

[...]

Que é isso no seu braço? Uma picada? Picada sim e daí. Paro com tudo quando bem entender. Vou ser capa de revista. Me casar com um milionário. Fique aí embananada porque o ano que vem. Como sou boa posso ainda ajudar você e seus piolhentos ajudo todos. Dou uma casa pra suas reuniões, dou uma casa pra Loreninha que vai ficar sem nada com aquela mãezinha esbordoando a fortuna, não tem importância não interessa. Resolvo tudo.

[...]

Ah Madre Alix diga que não vai acontecer nada me abençoa e bota a mão na minha cabeça que está fazendo roque-roque passa sua mão e eu esqueço como quando vinha aquela onda e a espuma.

[...]

O mar. No mar esqueci minha mãe inesquecível o rançoso da brilhantina do Jorge com a meia enfiada até orelha nesse tempo era o Jorge? Tempo do Doutor Algodãozinho, a ponte já vacilava na minha boca mas vinha a espuma e me cobria e eu podia rir sem passado sem visgo uma onda atrás da outra e os algodõezinhos afundando na espuma (TELLES, 2009, p. 90, 91, 92, 93).

Segundo Freud (1926/2014), a angústia traumática surge quando o “eu” se vê confrontado com um perigo que não pode evitar nem enfrentar, levando a uma desorganização momentânea das funções egóicas. No caso de Ana Clara, essa desorganização não é momentânea, mas crônica, refletindo a severidade e a precocidade de seus traumas.

A dependência química de Ana Clara pode ser compreendida como uma tentativa desesperada de automedicação, um esforço para adormecer a dor psíquica associada às memórias traumáticas. Como observa van der Kolk (2014), o uso de substâncias psicoativas é frequente em indivíduos com histórico de trauma, funcionando como uma forma de regulação emocional quando os mecanismos internos falham.

5.4 O contexto histórico da Ditadura Militar como pano de fundo traumático

A Ditadura Militar brasileira (1964-1985) constitui o pano de fundo histórico do romance, funcionando não apenas como cenário, mas como um elemento estruturante da narrativa e das experiências traumáticas das personagens. Como observa Seligmann Silva

(2000), eventos históricos traumáticos como ditaduras e guerras produzem não apenas traumas individuais, mas também coletivos, que afetam a própria possibilidade de representação e simbolização da experiência.

No romance, a ditadura manifesta-se de diferentes formas para cada personagem: para Lia, é uma realidade concreta e ameaçadora, que determina suas escolhas e seu cotidiano; para Lorena, é uma realidade distante, filtrada pela proteção de sua classe social, mas que ainda assim provoca angústia e questionamentos; para Ana Clara, é mais um elemento em um mundo já caótico e ameaçador, que se soma a suas experiências traumáticas anteriores.

A fragmentação narrativa do romance reflete, assim, não apenas os traumas individuais das personagens, mas também o trauma coletivo de uma geração que vivenciou a ruptura democrática e a violência institucionalizada. Como afirma Caruth (1996), o trauma histórico coloca em questão a própria possibilidade de conhecimento e representação, exigindo novas formas narrativas que possam dar conta de uma experiência que resiste à simbolização convencional.

5.5 A fragmentação como estratégia de resistência

É importante observar que, em *As meninas*, a fragmentação não representa apenas uma expressão do trauma, mas também uma estratégia de resistência. Ao adotar uma estrutura narrativa fragmentada, que subverte as convenções do romance tradicional, Lygia Fagundes Telles realiza um gesto político, questionando as narrativas totalizantes e autoritárias que caracterizavam o discurso oficial da ditadura.

Como observa Felman (2000), a literatura de testemunho, que busca dar conta de experiências traumáticas individuais e coletivas, frequentemente recorre a estratégias formais que mimetizam a própria estrutura do trauma, não para reforçá-lo, mas para criar condições de sua elaboração. Ao dar voz a três personagens femininas com diferentes experiências e perspectivas, Telles desafia a narrativa única e monológica do regime militar, apresentando uma visão polifônica e complexa da realidade brasileira daquele período.

A fragmentação narrativa funciona, assim, como uma forma de resistência à violência simbólica do regime, que buscava impor uma versão única e coerente da realidade nacional. Como afirma Lacan (1953/1998), o simbólico é o domínio da Lei, mas também o espaço onde essa Lei pode ser subvertida através da linguagem. Ao fragmentar a narrativa, Telles subverte a Lei do discurso autoritário, criando espaços de liberdade e pluralidade em um contexto marcado pela censura e pela repressão

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *As meninas* à luz das teorias do trauma psíquico revela que a fragmentação narrativa presente na obra não constitui apenas um recurso estilístico, mas um elemento estruturante que reflete a própria natureza do trauma, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva. As experiências traumáticas das três protagonistas – a perda familiar de Lorena, a violência política vivenciada por Lia e o abuso sexual sofrido por Ana Clara – manifestam-se na própria forma do romance, criando uma narrativa que, em sua estrutura fragmentada e descontínua, mimetiza o funcionamento do trauma psíquico.

Como observa Freud (1920/2010), o trauma representa uma ruptura no escudo protetor do aparelho psíquico, uma experiência que excede a capacidade de elaboração do sujeito e que, por isso mesmo, retorna de modo compulsivo. Em *As meninas*, essa compulsão à repetição manifesta-se nos rituais obsessivos de Lorena, na militância quase autodestrutiva de Lia e na dependência química de Ana Clara, revelando diferentes estratégias de enfrentamento (ou evitação) do núcleo traumático.

A fragmentação narrativa, ao mesmo tempo em que expressa a desarticulação psíquica provocada pelo trauma, também cria condições para sua elaboração, ao permitir que diferentes vozes e perspectivas se entrecruzem, formando um mosaico complexo que resiste a interpretações simplistas ou totalizantes. Como afirma Caruth (1996), o trauma exige novas formas de escuta e testemunho, que possam acolher não apenas o que é dito, mas também os silêncios, as lacunas e as repetições que caracterizam o discurso traumático.

O romance, ao dar voz a três jovens mulheres com diferentes experiências e trajetórias, oferece não apenas um retrato da juventude brasileira durante a ditadura militar, mas também uma reflexão profunda sobre os efeitos psíquicos da violência política, social e familiar e sobre as possibilidades de resistência e elaboração do trauma através da narrativa. A fragmentação, longe de ser um defeito ou uma limitação, revela-se como a única forma possível de representar uma experiência que, em sua essência, resiste à simbolização convencional, exigindo novas formas de escrita e leitura que possam acolher sua complexidade e sua verdade.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. *A fragmentação do texto literário: um artifício da memória?* Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 4, n. 4, p. 122–131, jul.–dez. 2007. Disponível em : [file:///C:/Users/USUÁRIO/Downloads/ldasilva,+INTER4 Pg 122 131%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USUÁRIO/Downloads/ldasilva,+INTER4 Pg 122 131%20(2).pdf). Acesso em 11/04/2023

AZEVEDO, Guilherme Magnoler Guedes de e AMARAL, Henrique Uva do. **Teoria da sedução: ascensão e queda ou O surgimento do Édipo.** *Rev. bras. psicanál* [online]. 2021, vol.55, n.2, pp.149-164. ISSN 0486-641X. Acesso em 12/04/2025

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CABRAL, André Felipe Alcon. As pulsões e a (in) determinação nas psicanálises de Freud e Lacan [manuscrito]: elementos para uma leitura abasileirada da psicopatologia e seus litorais / André Fernando Gil Alcon Cabral. - 2023. 462 f. Orientador: Gilson de Paulo Moreira Iannini. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/58352/1/TESE%20ULTIMA%20VERS%C3%83O%20ANDRE%20CABRAL> data de acesso 13/04/2025

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade* 9ª ed. Ouro Sobre Azul/ Rio de Janeiro- RJ, 2006

CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Organizador André Rocha. 2ª edição. Editora Perseu Abramo.

CHIAVENATO, Júlio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. 3ª Ed. Moderna 2014

CONTI, Paul. *Trauma A Epidemia Invisível, compreender e tratar as feridas emocionais*. 1ª ed. Nascente. Batatais SP. 2022.

DÉCADA de 1970 perpetuou a desigualdade. Folha de S. Paulo 17.06.2007 Caderno Mercado/Dinheiro <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1706200715.htm>. Acesso em 03/04/2025

FAGUNDES TELLES, Lygia. *Em literatura, não se deve fazer distinção de sexo, só de qualidade*. Estadão, São Paulo, 03 abr. 2022. Acervo. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/lygia-fagundes-telles-em-literatura-nao-se-deve-fazer-distincao-de-sexo-so-de-qualidade/>.

FAVERO, Ana Beatriz. *A noção de trauma em psicanálise*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: https://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2009_e8d9808fbf244dfb7ac98e958bbf8c6c.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-71.

FERREIRA DOS SANTOS, Jair. Especial | Fragmentação literária: a linguagem da imperfeição. Entrevistador: Omar Godoy. Cândido Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Data de criação/publicação: 07/04/2015 - 17:10 Data de alteração: 14/01/2020 - 11:54 Disponível em:

<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Fragmentacao-literaria-0> Data de Acesso 12/04/2025

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. 177p

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e melancolia. In: Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18

FREUD, Sigmund. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: Obras completas, volume 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Glaucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (org.). *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 336 p.

GONÇALVES, Gessianni Amaral, MARCOS, Cristina Moreira. *Encore... além do princípio de prazer: trauma, real e acontecimento de corpo. Ágora (Rio de Janeiro)*, v. 27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-279581>. Acesso em 12/04/2024

HUR, , Carolina Ok. Considerações sobre Nachträglichkeit e teoria da sedução em escritos de Sigmund Freud. / Carolina Ok Hur ; Orientador Sidnei José Casetto; Coorientador . -- Santos, 2021. TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2021. Disponível em:

KALSCHED, Donald. The Inner World of Trauma: Archetypal Defenses of the Personal Spirit. London: Routledge, 1996.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. (1957-1958). O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAPLANCHE, Jean. Vocabulário da psicanálise/Laplanche e Pontalis: ; sob a direção de Daniel Lagache ; tradução Pedro Tamen. - 4a ed. - São Paulo:

LEVINE, Peter A. Trauma e memória [recurso eletrônico] cérebro e corpo em busca do passado vivo/ Peter A. Levine; tradução Ivana Portela Hoch.1.ed – São Paulo: Sumus 2023.

Lygia Fagundes Telles: entrevista. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo , v. 42, n. 4, p. 17 20, dez. 2008 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28/03/2025

LUCENA, Karina de Castilhos. Especial | Fragmentação literária: uma estratégia para recriar o mundo. Biblioteca Pública do Paraná. Disponível em: - <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Fragmentacao-literaria>. Acesso em: 01/04/2025

MORA, Vicente Luis. Fragmentarismo y fragmentalismo en la narrativa hispánica. Cuadernos Hispanoamericanos Nº 783, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303856294_Fragmentarismo_y_fragmentalismo_en_la_narrativa_hispanica

M.T, Bru, et al. Trastorno dissociativo y acontecimientos traumáticos. Un estudio en población española. Actas Españolas de Psiquiatria 2009 Disponível em: [file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Downloads/14143+4.+1174+esp%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USU%C3%81RIO/Downloads/14143+4.+1174+esp%20(1).pdf)

OLMOS, Ana Cecilia. Escritas fragmentárias na literatura latino-americana. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 63, n. 2, p. 340–348, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8675617> Data de acesso: 11/04/2025.

PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 30, n. 62, p. 721–740, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/GYwqJzxvCz9cxfx5Cf5b9NR>. Acesso em 12/04/2025.

POLAK, Michel, Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Histórico v. 2 n. 3 (1989) Repositório FGV de Periódicos e Revistas. Disponível Data de Acesso 14/06/2025.

PONTIERI, Regina. Roland Barthes e a escrita fragmentária. *Língua e Literatura*, São Paulo, (17): 81-98, 1989

RIGOLLI, Marcelo Montagner. Psychological Trauma: From Concept to Physiological Markes.- 2019. 124f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS. Disponível em: https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8958/5/TES_MARCELO_MONTAGNER_RIGOLI_COMPLETO.pdf Data de acesso 05/03/2025.

SALVADOR, M.C. (2009). El trauma psicológico. Un proceso neurofisiológico con consecuencias psicológicas. *Revista De Psicoterapia*, 20(80), 5–16. <https://doi.org/10.33898/rdp.v20i80.835> data de acesso 04/04/2025

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). Catástrofe e representação. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SOLER, Cole Colette. De um trauma ao Outro / Colette Soler; tradução de Cícero Alberto de Andrade Oliveira; revisão da tradução e revisão técnica de Sandra Leticia Berta. – São Paulo: Blucher, 2021.

SOUZA, Alberto Shibaki. Figuras do trauma psíquico em Freud. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/29942/1/ Alberto% 20Shibaki% 20Souza.pdf](https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/29942/1/Alberto%20Shibaki%20Souza.pdf). Acesso em: 22 ma2025.

SÜSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária: polêmica, diários & retratos/Flora Süssekind – .2ª ed, revista – Belo Horizonte: Editora. UFMG, 2004.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade. 1ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia & modernismo brasileiro [recurso eletrônico]: apresentação e crítica dos principais movimentos vanguardistas – 21. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. recurso digital.

TELLES, Lygia Fagundes. As Meninas: Romance/Lygia Fagundes; posfácio de Cristóvão Tezza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. Lygia Fagundes Telles: entrevista. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 17–20, dez. 2008. ISSN 0486-641X (impresso), ISSN 2175-3601 (online). Acesso em 28/03/2024.

TRACTEMBERG, Saulo Gantes et al. Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuárias de crack. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/YXL5YfYQZJtDv3CmGMFdW3b/?lang=pt> . Acesso em: 11/04/2025.

VAN DER KOLK, Bessel. The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma. New York: Viking, 2014

VAN DER KOLK, Bessel. O corpo guarda as marcas [recurso eletrônico] / Bessel Van der Kolk; [tradução de Donaldson M. Garschagen]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

ZERO HORA. *Lygia Fagundes Telles driblou a censura militar no romance “As Meninas”.* GZH, Porto Alegre, 3 abr. 2022. Entrevista originalmente concedida por Lygia Fagundes Telles ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 2003. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2022/04/lygia-fagundes-telles-driblou-a-censura-militar-no-romance-as-meninas-cl1jiw554001v01iww4pmqvfh.html>. Acesso em: 02/04/2025

<https://memoriasdaditadura.org.br/literatura> . Acesso em: 03/04/2025